

A Partida – “Departures” The gift of last memories

“Departures” – The gift of last memories

Luis Alberto Saporetti*

133

Debates sobre Filmes • Debates on Films
O Mundo da Saúde, São Paulo - 2012,36(1):133-135

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente texto é expressar minhas percepções a respeito do filme “A Partida”, de Yôjiro Takita, as quais apresentei no Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA

Daigo Kobayashi é um violoncelista medíocre que tocava em uma orquestra que acaba de se dissolver. Começou a tocar por influência de seu pai, o qual desapareceu com outra mulher quando era pequeno. Nunca demonstrou verdadeira expressão no seu tocar e por essa razão sentia-se frustrado. Resolveu, então, retornar para sua cidade natal com sua esposa e lá começou a trabalhar em uma agência funerária peculiar. O Sr Ikuei Sasaki, dono da funerária, era um Mestre da Arte do Nokanshi, a Arte de preparar ritualisticamente os corpos para a Partida.

Inicialmente, Daigo aceita seu trabalho por ser muito bem pago. Infelizmente seu primeiro contato com a morte ocorre em uma situação extremamente desagradável: uma senhora havia sido encontrada morta em seu apartamento já em estado de putrefação.

Ao retornar, Daigo sente-se infectado, sujo, toma inúmeros banhos, não consegue olhar para um frango morto, não consegue comer. Em casa ama apaixonadamente sua mulher como se aquele fosse seu último momento. Naquela noite, algo sublime acontece. Daigo levanta-se a noite, pega seu violoncelo e toca a dor de sua alma. Não toca mais para o público, não toca mais pelo seu pai. Toca por que sua alma pede expressão, pede espaço diante da dor da morte e da perda.

Daigo apaixonou-se pelo que faz e aprende com seu Mestre toda a Arte de tornar Sagrado o último momento daquele corpo. Vê pessoas chorarem e rirem a despedida dos seus entes queridos. No entanto, quando sua mulher descobre seu trabalho escuso, volta-se contra ele e pede para que o abandone. Daigo não pode mais, pois sua alma havia encontrado um sentido tão maior, tão mais valioso... Ela parte.

A IMPORTÂNCIA DOS RITOS MORTUÁRIOS

Os ritos mortuários se confundem com a própria história da humanidade. Cinco mil anos antes de nossa era, os homens neolíticos já realizavam ritos fúnebres e incineravam seus mortos. Todos os povos, cada um ao seu modo e de acor-

* Médico geriatra do Serviço de Geriatria Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Médico responsável pela Unidade de Cuidados Paliativos do Hospital Auxiliar de Cotoxó da FMUSP. Membro da Comissão de Cuidados Paliativos do Hospital das Clínicas da FMUSP. Membro da Comissão Científica do Curso de Aperfeiçoamento em Cuidados Paliativos do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio-Libanês. E-mail: luis.saporetti@gmail.com

do com sua cultura, ritualizam a morte e creem em um tipo de existência pós-morte. Muito embora nossas culturas sejam tão diversas, podemos notar como tais ritos e visões do além se assemelham de forma impressionante. Todo rito pretende comunicar ao inconsciente uma mensagem. Todas as vezes que a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade prática, estamos no caminho do procedimento ritual. Assim, rito mortuário pretende mostrar um caminho, uma realidade simbólica, a qual o inconsciente reconhece e valida, um ato que torna real o imaginário e conduz ao transcendente. O rito tranquiliza, pois se situa fora do tempo. Preparar o corpo, banhá-lo, ungi-lo, vesti-lo são ações que reafirmam ao falecido sua condição de pessoa e prolongam a permanência com os que ficam, retardando a separação. Faz-se vigília, as orações porque o morto deve estar sempre acompanhado, garantindo sua presença nesse mundo e assegurando sua identidade, até a hora de sua partida para o além.

A modernidade é carente de rituais claros de passagem, o que frequentemente causa uma dificuldade na identificação da mudança de um momento para outro da vida. Muitos rituais cumprem apenas uma função social, o que não auxilia as pessoas a realmente transcenderem seu sofrimento. A tendência hoje é fazer tudo depressa, “o mais indolor possível”, reduzindo-se a simbologia ao mínimo necessário, ou melhor, ao mínimo suportável.

Entre algumas tribos indígenas americanas, a morte é um “pássaro negro que caminha conosco empoleirado em nosso ombro esquerdo”. Ali, ao pé de nosso ouvido, ela nos aconselha sobre a vida. O mundo moderno espantou-a, não podemos mais ouvir seu canto e assim não sabemos exatamente para onde ir. Hoje, ela paira sobre nós, tal qual abutres que aguardam a morte de um animal no deserto. Quando a percebemos, já é tarde; a vida se acabou e não há mais nada a fazer.

O mundo moderno também afastou-nos da morte e dos ritos de passagem, em especial dos ritos de morte. “A Partida” nos devolve a dimensão sublime dos ritos e de sua importância, em uma hora tão sofrida e difícil.

A DIGNIFICAÇÃO E A TRANSCENDÊNCIA DA MORTE

Mika Kobayashi retorna grávida de seu marido após meses longe de casa, mas ainda sem entender a relutância dele em abandonar um trabalho tão mal visto pela sociedade local. Ela usa o fato de estar grávida como argumento para que ele mude de vida, causando a ele um enorme pesar.

Nesse momento, a morte da mãe de um amigo próximo permite a ela participar do rito e ela percebe finalmente a nobreza do trabalho do marido.

No crematório, uma conversa entre o filho dessa mulher e o responsável pela cremação demonstra novamente o *sentido* dado ao trabalho. Se Daigo prepara a pessoa para sua partida utilizando os ritos de oblação, o responsável pela cremação é o “Guardião do Portal” e se despede de todos dizendo: “Boa Viagem. Até breve!”.

Será que somos capazes, nos dias de hoje, de encontrar essa dimensão Sagrada no Cuidar daqueles que partem ou partiram? Nos hospitais, frequentemente retira-se o corpo morto correndo do leito como se a morte fosse contagiosa. A equipe de saúde toma os devidos cuidados e tem respeito diante do corpo morto? Aprendi a preparar um corpo com as Irmãs de Caridade e Enfermeiras do Hospital Dom Pedro II, da Santa Casa de Misericórdia, e lá vi o respeito e a dignidade desse ato. Ao assistir “A Partida”, redimensionei tal significado.

O RESGATE DA IMAGEM DO PAI

Uma carta revela o paradeiro do pai de Daigo. Ele foi encontrado morto em uma casa no porto. Ao descobrir o rosto daquele homem morto, Daigo afirma envergonhado: “Esse rosto não me diz absolutamente nada”. A lembrança do rosto do seu pai é apenas uma mancha em um cenário do passado. Chegam os agente funerários, que, de modo intempestivo, chutam a caixa com os objetos pessoais do falecido e pegam o corpo sem demonstrar o respeito por ele. Daigo se indigna, pois ele sabe que não é assim que se faz! Não é assim que se zela por alguém que partiu! Decide, então, ele mesmo preparar o corpo. É o seu trabalho, sua missão na Terra.

Entre lágrimas, o rosto esquecido na memória longínqua torna-se claro e ele reconhece aquele homem como seu pai. Seu coração está agora em paz, seu filho pode nascer.

FINALIZANDO

Por mais contraditório que pareça, “A Partida” fala sobre encontros, sobre Sentido de Vida, Transcendência. Daigo transcendeu seus limites

para encontrar a si mesmo. Entregou-se então a sua paixão, confiou nela. Encontrou a si mesmo, ao seu pai, sua mulher e seu filho.

Mas não é todo encontro uma despedida?

ENCONTROS E DESPEDIDAS – MILTON NASCIMENTO E FERNANDO BRANT

Mande notícias do mundo de lá

Diz quem fica

Me dê um abraço, venha me apertar

Tô chegando

Coisa que gosto é poder partir sem ter planos

Melhor ainda é poder voltar quando quero

Todos os dias é um vai-e-vem

A vida se repete na estação

Tem gente que chega pra ficar

Tem gente que vai pra nunca mais

Tem gente que vem e quer voltar

Tem gente que vai e quer ficar

Tem gente que veio só olhar

Tem gente a sorrir e a chorar

E assim, chegar e partir

São só dois lados da mesma viagem

O trem que chega

É o mesmo trem da partida

A hora do encontro é também despedida

A plataforma dessa estação

É a vida desse meu lugar... É a vida...

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Bayard J-P. Sentido Oculto dos Ritos Mortuários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus; 1996.

Leloup JY, Hennezel M. A arte de morrer. Rio de Janeiro: Vozes; 1999.

Saporetti LA. Finitude e Espiritualidade. In: Del Giglio A, Karnakis T. Oncogeriatrics: uma abordagem multidisciplinar. Barueri (SP): Manole; 2012. p. 443.

Saporetti LA, Silva AMOP. Aspectos particulares e ritos de passagem nas diferentes religiões. In: Academia Nacional de Cuidados Paliativos. Manual de Cuidados Paliativos. Rio de Janeiro: Diagrafic; 2009. 309 p.